



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ELIANE PINTANEL TEIXEIRA PRONDZYNSKI

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-415

Entrevistada: Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski

Nascimento: 18/02/1965

Local da entrevista: CEME

Entrevistadores: Alexandre Luz Alves e Bruno de Oliveira e Silva

Data da entrevista: 28/04/2014

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Bruno de Oliveira e Silva

Pesquisa: Bruno de Oliveira e Silva

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 44 minutos e 17 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Judô; influência da mãe na trajetória esportiva; situação do judô no Rio Grande do Sul; a participação de mulheres no judô; posicionamento da família com relação a prática do judô; diferença técnicas entre os atletas do Sul e do eixo Rio e São Paulo; processo de progressão de faixas; dificuldades na carreira; competições regionais, nacionais e internacionais; primeira mulher *Kodansha* do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 28 de abril de 2014. Entrevista com Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski a cargo dos pesquisadores Alexandre Luz Alves e Bruno de Oliveira e Silva para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Eliane, inicialmente gostaríamos de saber como foi a sua inserção no esporte e se você já iniciou nessa modalidade ou se teve vivências em outras modalidades?

E.P. – Eu iniciei em 1980 por influência da minha mãe. Ela fazia ginástica em uma academia, a Academia Stylo Judô Clube, ela viu que tinha esporte, o judô¹, pensou em me colocar com 15 anos, já adulta. Fui e me apaixonei pelo judô no mesmo instante e estou até hoje...

A.A. – E não largou mais...

E.P. – Não larguei mais. Nem conhecia judô, para mim judô, karatê², *kung fu*³ era tudo a mesma coisa. Depois que eu descobri a diferença de um e outro.

B.S. – Você participou de alguma outra modalidade antes ou depois deste período?

E.P. – Nunca. Depois que eu já estava no judô há uns cinco anos, eu acho, eu tentei um pouco de *kung fu* tinha também na academia. Mas eu fiquei alguns meses. Eu gosto do *kung fu*, mas a minha paixão é judô.

A.A. – Além da tua mãe, teve outra influência de professores, outros parentes?

E.P. – Não.

A.A. – Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul nesse período? Você teve apoio ou auxílio de algum clube, alguma instituição, escola?

¹ *Judô* é uma arte marcial japonesa.

² *Karatê* ou *Caratê* é uma arte marcial japonesa

³ *Kung Fu* é uma arte marcial chinesa também conhecida como Wushu.

E.P. – O judô feminino até 1980 era fraco. Que eu saiba só tinha uma mulher faixa preta, no Rio Grande do Sul, a Léa Linhares⁴. Na época não tinha Federação; a Federação⁵ foi fundada em 1969. A partir de 1980 foram liberadas as competições no judô feminino. Creio que o judô feminino começou a crescer por causa disso. Na academia Stylo, o judô masculino era forte com uma gurizada de quinze dezesseis anos. E com a liberação da competição o feminino foi crescendo e a academia foi se transformando, os guris foram ficando de lado e quando vimos, a Stylo estava com três, quatro equipes femininas, fazendo judô. Até ai tudo bem, a dificuldade eram patrocínios. Na SOGIPA⁶ tinha mulheres treinando também. Da minha parte não tive dificuldade nenhuma com preconceitos, tem colegas minhas que dizem que já tiveram problemas, porque eram mulheres, eu nunca tive.

B.S. – Você sabe o motivo pelo qual, antes da década de 1980 tinham poucas mulheres envolvidas com o judô?

E.P. – Eu acho que era pela época. Não tinha muitas mulheres fazendo esportes com lutas. Hoje está mais moderno, acredito eu que era por causa disso, a mulher não se preocupava muito em fazer esportes violentos.

A.A. – Tu falou da tua mãe que foi a grande influência. Como era o posicionamento do resto da tua família, como eles enxergavam o fato de praticares praticar judô?

E.P. – Gostam, meu pai é meu fã.. A minha mãe depois que me colocou, ela começou a observar, gostou e acabou entrando. Inclusive eu estava olhando uma fita de 1982 onde estão eu, minha irmã e ela, nós três competindo. Cada uma numa categoria de peso. Minha mãe nessa fita estava com trinta e cinco anos e eu estava com dezessete. Uma relíquia, inclusive o Alexandre Nunes⁷ está na fita, bem novinho [risos]. Mas a família toda gostou, totalmente a favor.

⁴ Léa Maria Chaves Linhares.

⁵ Federação de Pugilismo.

⁶ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

⁷ Alexandre Velly Nunes.

B.S. – E outros parentes mais próximos praticavam a modalidade ou eram envolvidos com o esporte de alguma forma?

E.P. – Não. Eu e minha irmã fomos as únicas. Da minha família não conheço ninguém que praticou esporte.

A.A. – Principais dificuldades da tua carreira. Tu percebeste alguma diferenciação dos atletas do sul em contra ponto com outras regiões do país?

E.P. – Sim, o Rio Grande do Sul é muito “esquecidinho”. Na época um intercâmbio era uma raridade. Mas hoje em dia não é mais assim, Essa década foi difícil. Tanto que quando o Rio Grande do Sul participava de seletivas, precisava ir ao Rio de Janeiro para participar, no meu caso, por exemplo, eu ganhei uma seletiva no Rio de Janeiro e deixei de viajar para a Alemanha porque não tinha patrocínio. Essas foram as dificuldades: sair do Rio Grande do Sul, viajar... O foco mesmo, na década de 1980 era São Paulo, Rio. Então se tu não fosse de lá, tudo era mais difícil. Sair do país, viajar pela CBJ⁸, era muito difícil.

B.S. – E a relação dos treinamentos também era diferenciada?

E.P. – Era difícil. Era tudo por nossa conta. Até hoje, muitas coisa são por conta do atleta. Hoje os atletas de alto rendimento já têm verbas para poder treinar fora do estado e até do País, pois tem patrocinadores. Competidores comuns, é difícil, é tudo por sua conta.

B.S. – Teria alguma diferenciação entre o masculino e o feminino também nesse aspecto?

E.P. – Não. Hoje o feminino está na mesma condição do masculino.

B.S. – Naquele período?

E.P. – Na década de 1980 o masculino viajava mais. Eu me lembro de colegas que pagavam do próprio bolso e o feminino não, o feminino ficava em casa. Treinando em casa. Poucas viajavam.

A.A. – Justamente dessa diferença entre o Sul e o resto do país. Nível técnico dos atletas, os daqui do Sul e os de lá, como tu enxergava essa diferença?

E.P. – São Paulo como até hoje é muito bom. O Rio Grande do Sul tinha um nível técnico bom, mas um atleta que outro se destacava. No feminino nós nos destacávamos bastante porque o Sensei Cesar Almeida Peres Hernandez nos treinava muito, ele nos treinava para competições. Então o feminino, particularmente o da Stylo era muito bom. Nos anos 1980 São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro eram muito fortes. Hoje não, hoje já está bem parelho, todos os Estados do Brasil tem um e outro atleta se destacando. Se observares, a equipe brasileira tem atletas daqui, dali, não só São Paulo. Na década de 1980 o Rio Grande do Sul, volta e meia aparecia no feminino, tanto que nós temos uma atleta que, em 1980 foi a única gaúcha que participou de um Mundial, em Nova York, coisa rara levando em conta o ano, 1980. Eu tenho certeza que o resto da equipe provavelmente tenha sido de São Paulo. Mas o nível técnico hoje está bem melhor, nem se compara com a década de 1980.

A.A. – Ainda sim a gente volta a frisar essa parte, mesmo sendo mulher, tu enfrentou alguma dificuldade no meio das lutas? Do judô?

E.P. – Nunca tive dificuldade nenhuma. Comigo não, com outras pessoas, não sei. Talvez até na década de 1980 fosse mais difícil, era diferente de hoje. Eu não enfrentei dificuldade nenhuma.

A.A. – Havia muitas mulheres praticando lutas? Independente da modalidade, na tua época, por exemplo, em competições ou eram apenas demonstrações?

E.P. – O número de mulheres praticando lutas e competindo foi crescendo sim com o tempo. Eu era muito focada só no judô, então não sei dizer se tinham muitas lutadoras na época. E em outras modalidades creio que seja a mesma situação.

A.A. – Outras modalidades?

⁸ Confederação Brasileira de Judô.

E.P. – Creio que uma coisa puxa a outra. Umas entram no judô, outras no karatê, etc, e assim foi crescendo.

A.A. – Tem alguma coisa que tu gostarias de destacar, mencionar desse período que não foi dito ainda?

E.P. – Na década de 1980 que foi o meu auge eu destaco a seletiva olímpica para Barcelona⁹. Eu fui para o Rio de Janeiro para disputar a seletiva, lutei com uma adversária três vezes. Infelizmente perdi, das três lutas ganhei só uma. Ela é de Pernambuco, lutei a primeira e ganhei; lutei a segunda e ela ganhou e a terceira que era a decisiva ela ganhou. E no Campeonato Pan-americano de Judô em 1988¹⁰, me classifiquei em terceiro lugar. Fora aqui dentro do Estado, fui Campeã Estadual muitas vezes, fui Campeã Brasileira muitas vezes, Sul Brasileira. Eu era uma atleta bem destacada. Eu me classificava bastante, sempre voltei com medalha dos campeonatos, nunca voltei sem medalha, a maioria de primeiro lugar. Hoje nas competições que vou também, sempre trago medalha. No Master, por exemplo, acima de 30 anos, eu vou a São Paulo competir Brasileiros Master, sempre tiro primeiro lugar, ganho de uma paulista que já viajou o mundo á fora, ela que é o meu incentivo. Eu penso nela para treinar [risos].

A.A. – Tu lembra do nome desta competidora que tu disputou a seletiva para Barcelona?

E.P. – Jemima Alves é de Pernambuco, hoje eu acho que ela é técnica de Pernambuco, ou deve trabalhar em algum cargo na Federação.

B.S. – Como era esse processo de seletivas nesse período?

E.P. – Naquele período era mais simples. Não precisavam de *ranking*. Hoje não, o atleta tem que ter *ranking*. Naquela época era fácil. Era igual uma competição comum, Hoje é bem diferente. Na época quem ganhasse, sem *ranking*, estava classificada.

⁹ Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha, realizado no ano de 1992.

¹⁰ Realizado na Argentina.

B.S. – Não tinha muitas competidoras, basicamente eram vocês duas?

E.P. – Foi só nós duas. Acredito que tenhamos lutado antes com outras, não muitas, e como fomos as melhores, fizeram melhor de três entre nós duas.

A.A. – Qual categoria tu competia? Ou compete?

E.P. – Na época era – 56 quilos. Hoje é – 57 quilos. Se chama leve. Hoje estou no médio – 70 quilos.

A.A. – Como foi tua progressão dentro do judô, com relação às faixas?

E.P. – Datas?

A.A. – Não, não. Faixas, como foi? Se tu encontrou alguma resistência para alguma dessas graduações?

E.P. – Não. Quando peguei a faixa preta em 1986 pensei: “Bah! Peguei a preta, agora não preciso me preocupar mais, eu queria chegar na preta e pronto”. Mas foram acontecendo coisas dentro do judô, eu fui vendo coisas que me desagradaram, me senti na obrigação de seguir me graduando. Fiz exames até o terceiro grau. E um dia, recebi um convite da Federação para participar da comissão de graus. E daí em diante minhas graduações para quarto e quinto graus foram por méritos, por serviços prestados para a Federação. Quando eu cheguei no quinto já trabalhava com arbitragem desde 1989, na comissão de graus, dando cursos e tudo mais. Passaram sete anos e me perguntaram se eu não queria passar para *Kodansha*¹¹. *Kodansha* é um grau diferente, a faixa não é preta, é vermelha e branca. Como se fosse uma pós-graduação. Eu fiz meu currículo, mandei para a CBJ, analisaram e o presidente da Federação Gaúcha de Judô, Carlos Eurico¹² e me passou para *Kodansha*. Foi bem fácil, não foi muito complicado, se fosse na década de 1980 eu não sei como seria.

¹¹ *Kodansha* é a nomenclatura dada aos judocas que atingem o sexto grau (*dan*) da faixa preta, modificando desta forma a cor da faixa para vermelha e branca, rajada.

¹² Carlos Eurico da Luz Pereira.

A.A. – Tu comentou que durante esse período tu não gostou de algumas coisas, tu gostaria de mencioná-las? Com relação a tua progressão de faixas? Ou tu enxergou alguma coisa que te desagradou?

E.P. É que tem muitas pessoas que buscam graduação por méritos. Eu não sou contra graduar por mérito. Mas tem indivíduos que realmente, ao meu ver não merecem. E foi isso que me levou a seguir me graduando. Pois vi pessoas com o conhecimento sobre o judô, limitadíssimo se graduando e passando de mim. E isso eu não admito.

B.S. – E esse processo de progressão até a faixa preta, também foi tranquilo foi rápido. Como aconteceu esse processo?

E.P. Se graduar no judô é tranquilo. Basta cumprir uma carência. Para cada faixa preta, precisa cumprir essa carência. Para mim foi tranquilo porque eu não ficava contando os dias. Eu não tinha pressa. Quando vi, passou-se sete anos após o quinto grau, então, corri atrás para pegar a *Kodansha*. Também com o incentivo dos colegas, era só fazer o currículo. Foi muito tranquilo.

A.A. – Quais momentos ou eventos da tua vida esportiva tu destacaria?

E.P. – Esses dois que te falei. A seletiva para Barcelona, que infelizmente eu fiquei em segundo lugar e não mandavam o segundo lugar para viajar. Hoje tem mais de uma equipe para representar o Brasil. Vai um para a Rússia, um para a França etc.. Nessa época não tinha nada disso, nos anos 1980 ia só o primeiro, o segundo ficava em casa. E o Pan-Americano na Argentina. E hoje, atualmente, eu me destaco muito no *kata*¹³ que é uma forma diferente do judô, e o pessoal não treina muito, então, tenho treinado bastante, eu e meu colega Roberson dos Passos, a gente tem competido bastante. Agora mês passado ou retrasado nós fomos para a Argentina, conseguimos classificar em primeiro lugar nas três modalidades de *kata*. Fomos considerados a melhor dupla, o melhor *kata*, trouxemos um troféu. Isso é maravilhoso. E todas as competições que participo no Master eu classifico.

¹³ *Kata* é um conjunto de técnicas e métodos fundamentais de estudo, especial para transmitir a técnica, o espírito e a finalidade do Judô.

B.S. – Quando você iniciou o treinamento para essa outra modalidade dentro do judô, o *kata*?

E.P. – Essa modalidade existe para você passar de graduação. Por exemplo, o *nage no kata*¹⁴ é um grupo de quinze técnicas que tu tem que se apresentar para fazer o exame para faixa preta primeiro Dan, primeiro grau. Depois o *katame*¹⁵ *no kata*, são quinze técnicas também, que tu tem que apresentar no solo, para o segundo grau e assim por diante. O *kime no kata*¹⁶, o *ju no kata*, *goshin jitsu*¹⁷ são para os outros Dans, graus. Então, como no Rio Grande do Sul não tinha ninguém especializado em *Katas*, eu e meu colega Roberson, o Sensei João Osório Marques, Sensei Ricardo Borges fomos estudando, pelos vídeos da Kodokan e passamos a ensinar aos candidatos a Dans superiores. E também treinamos para competir depois que descobrimos que existem competições de *Katas*. Aqui na região Sul é pouco praticado, como competição ou simplesmente para treiná-lo. Creio que São Paulo é o único estado que treina, e compete regularmente a modalidade.

A.A. – Tu poderia explicar para a gente o que seria o *kata*?

E.P. – São formas. Por exemplo, *nage no kata*, são as formas básicas do judô. São as técnicas que tu treina diariamente, só tens que apresentá-las de forma diferente, não é uma luta, tu tens que demonstrar projetando e caindo de forma perfeita, cadenciada. São movimentos pré-determinados. É uma apresentação mais calma. A avaliação do *kata* é aos detalhes, não é igual a um *shiai*, derrubou e pontuou. Não! É bem diferente. São formas apresentada mais calmamente. Tem que apresentar perfeitamente, a forma de andar é diferente. É uma modalidade que tu tem que gostar de fazer, tem que gostar de treinar.

A.A. – Comente a sua contribuição para o judô gaúcho.

E.P. – Desde que eu entrei, eu nunca mais parei até chegar em 1998 quando a Federação me convidou para fazer parte da comissão de graus. E de lá para cá eu não parei mais,

¹⁴ *Nage no kata* é o primeiro *kata* do judô, é composto por quinze projeções divididas em cinco grupos de técnicas.

¹⁵ *Katame* é um conjunto de técnica do judô.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

comecei a estudar para ensinar os *katas*, *wazas*¹⁸ que são todas as técnicas do judô, clínicas, mas tudo dentro do Rio Grande do Sul, cursos. Eu fui estudando, aprendendo para ajudar a Federação no crescimento do nosso judô aqui no Rio Grande do Sul. A minha contribuição é essa, como arbitro também. Agora esses projetos com crianças eu nunca entrei, nunca me envolvi.

A.A. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou e tu gostaria de deixar registrado?

E.P. – Acho que as empresas deveriam investir no atleta praticante de judô. Falo de atletas comuns, não de alto rendimento pois estes já têm os seus patrocinadores. Mas o atleta comum que digo são os que participam de campeonatos brasileiros, regionais, estaduais. Normalmente quem banca as despesas são os pais. E o judô é um esporte que transforma não apenas o físico, mas o caráter das crianças. Elas se tornam pessoas disciplinadas, educadas, cidadãos de bem.

B.S. – De alguma forma, em algum momento esse grupo de você influenciou nessa construção do judô feminino gaúcho, tinha época que eram três, quatro equipes de judô feminino. Como você vê isso dentro do judô gaúcho?

E.P. – Dentro destas quatro equipes, nós tínhamos, a equipe “A” era a mais forte a equipe que competia, que viajava. A equipe “B” era reserva, a “C” e a “D” as gurias iam treinar gostavam, mas não durava muito. Mas independente disso foi crescendo, o judô foi crescendo e melhorando. Eu não sei, mas acho que é em função do esporte-saúde. Não creio que influenciemos algo. O clube SOGIPA tinha feminino também e acho que o que influenciou foi o fato de poder competir. Isso foi trazendo a mulherada para treinar. Era uma coisa diferente mulheres competindo. Isso chamou a atenção também.

B.S. – Você se lembra de alguns nomes dessas pessoas que competiam nesse período para a gente tentar acionar elas?

¹⁸ Conjunto de técnicas do Judô.

E.P. – Jusimara dos Santos Dutra, Iara Mary da Cunha Pazos, a minha irmã Eliege Teixeira Sasso, Elaine Machado, Sandra Denise Koetz, Karen Alves¹⁹.... Tinha bastante, todas foram da equipe “A”.

B.S. – Você tem contato? Proximidade?

E.P. – Algumas. A Iara treina e compete e arbitra direto. A Denise também com os filhos no judô, os filhos já estão adultos. A Jucimara, Adriana, pararam de treinar. Moram em São Paulo. Da década de 1980, essa turma do professor César Almeida Peres Hernandez, só eu e a Iara que continuamos. Algumas de nossas adversárias da época estão hoje com suas filhas no judô. Competem pela Sogipa. Eu treino com estas gurias, filhas das nossas adversárias [risos].

B.S. – Depois nós vamos lhe incomodar para os contatos dessas pessoas...

E.P. – Sim. Tranquilo, essas são fáceis de achar. Qual a última pergunta mesmo que tu fez?

B.S. – Se tem algo que nós não perguntamos e que você gostaria de deixar registrado?

E.P. – Que eu sou a primeira *Kodansha* do Rio Grande do Sul e da região Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Fora São Paulo. São Paulo está cheia de *Kodanshas*, no feminino deve ter também. No Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, dentre estes somente eu. Eu estava perguntando ontem para os guris todos eles confirmaram, os árbitros de Santa Catarina e Paraná disseram que não tem e eu disse: “Bah! Que legal”. Eu fui a primeira mulher *Kodansha*, porque é difícil chegar na faixa *Kodansha*, pois é um grau elevado. Então isso para mim foi maravilhoso. E quando eu passei, postei no facebook, foi uma chuva de parabéns, “mais do que merecido” foi o que eu mais li. É porque o pessoal me conhece, quando eu entrei no judô eu nunca parei. Meus colegas de judô sabem o que eu fiz, o que eu faço pelo judô. Eu brigo muito pelo judô no Rio Grande do Sul para que ele melhor, só não brigo mais porque as vezes sou meio burrinha, as vezes falo demais.

A.A. – Em que data foi essa graduação?

¹⁹ Nomes sujeitos à confirmação.

E.P. – Dia 22 de fevereiro de 2014 (22/02/2014). Durante um credenciamento técnico em Porto Alegre, ministrado pelo Sensei Fulvio Myata, de São Paulo.

B.S. – Eliana, nós te agradecemos por tudo, pela disponibilidade de ter vindo até aqui no CEME para dar seu depoimento. Muito obrigada mesmo.

E.P. – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]